

Compromissos entre Qualidade Morfológica e Bioativa em Amoras Silvestres e Cultivadas: Implicações para a Pós-Colheita e o Melhoramento Genético

Ana Cristina Ramos^{1,2,3*}, Nelson Pereira^{1,2}, Marta Abreu^{1,2,3}, Manuel Roque^{2,4}, Pedro B. Oliveira^{1,2,3}

¹INIAV - Instituto Nacional de Investigação Agrária e Veterinária, Oeiras; ²LEAF - Linking Landscape, Environment, Agriculture and Food Research Center, Instituto Superior de Agronomia, ULisboa, Lisboa; ³Associated Laboratory TERRA, Instituto Superior de Agronomia, ULisboa, Lisboa; ⁴Madre Fruta - Centro de Vendas Hortofrutícolas, Olhão, Portugal

*cristina.ramos@iniav.pt



INTRODUÇÃO



O melhoramento genético de amoras (*Rubus* spp.) tem priorizado o aumento da massa e das dimensões dos frutos; porém, os possíveis efeitos colaterais sobre a qualidade bioativa são pouco conhecidos.

Estudos sugerem que genótipos silvestres podem acumular maiores teores de compostos fenólicos e apresentar maior acidez, enquanto genótipos cultivados destacam-se por atributos morfológicos.

OBJETIVO

Comparar parâmetros morfológicos e bioativos entre genótipos silvestres e cultivados de amora, identificando compromissos (*trade-offs*) com implicações para a pós-colheita e o melhoramento genético.



RESULTADOS

Da Figura 1, salienta-se:

- Os genótipos cultivados exibiram maior massa e maiores dimensões dos frutos em comparação aos genótipos silvestres.
- Por outro lado, genótipos silvestres apresentaram teores superiores de compostos bioativos e maior acidez.
- Não foram observadas diferenças significativas na coloração dos frutos entre os dois grupos.

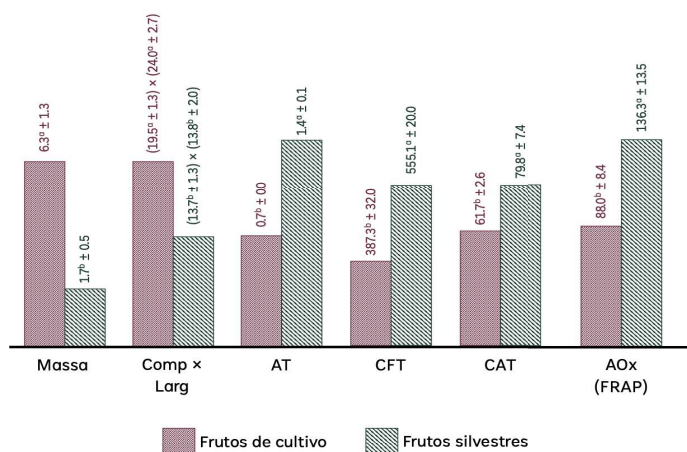
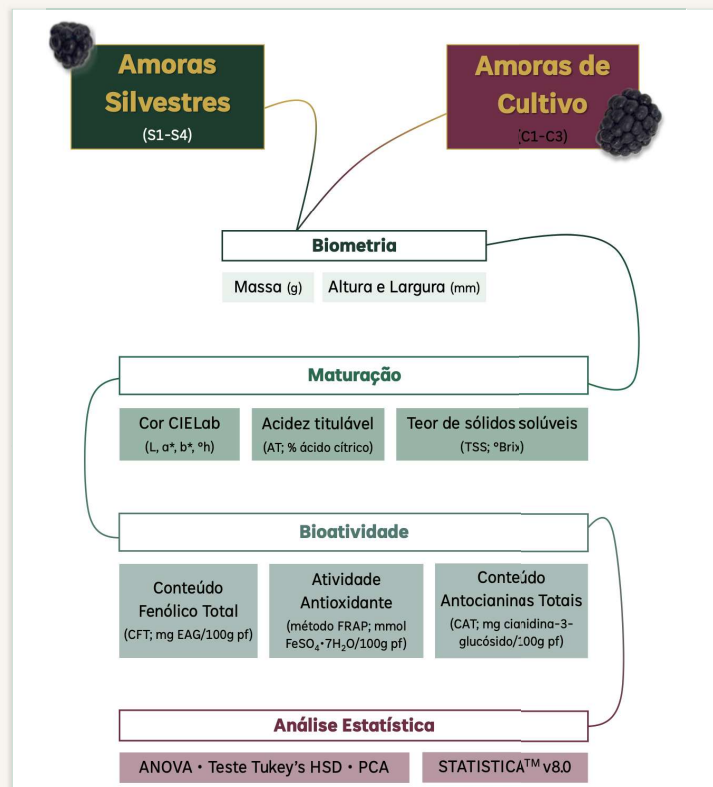


Figura 1 | Comparação de parâmetros morfológicos e bioativos entre frutos de genótipos silvestres e cultivados.

METODOLOGIA



A análise de componentes principais (PCA; Fig. 2) revelou a separação em dois grupos (genótipos cultivados vs. silvestres), confirmando a dicotomia entre qualidade morfológica e bioatividade.

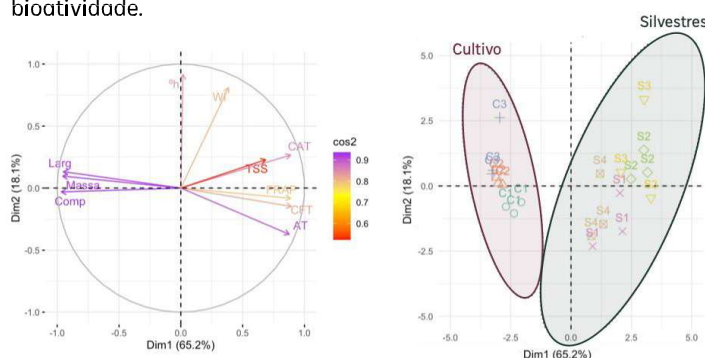


Figura 2 | Análise de componentes principais (PCA) dos frutos de genótipos silvestres e de cultivares padrão.

CONCLUSÕES



Os resultados evidenciam o potencial de genótipos silvestres como fonte de variabilidade genética no melhoramento, abrindo oportunidades para novas cultivares que aliem o vigor produtivo e calibre de genótipos cultivados ao perfil fitoquímico de genótipos silvestres.

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem à Madre Fruta pelo fornecimento dos frutos.